

Atividade industrial volta a crescer no Estado em maio

Em três meses de pandemia RS já fechou mais de 123 mil empregos

Primeiro trimestre de pandemia foi devastador para o mercado de trabalho

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/economia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Atividade industrial volta a crescer no Estado em maio

O setor deixou para trás seu pior momento, ainda que permaneça em níveis muito baixos.

Após duas quedas recordes seguidas, o Índice de Desempenho Industrial gaúcho (IDI/RS), divulgado pela FIERGS, subiu 10,1% em maio na comparação, ajustada sazonalmente, com o mês anterior. O balanço desses três meses de pandemia aponta uma perda de 15,5% na margem e coloca o índice de maio no segundo nível mais baixo da série desde 2003, perdendo para abril.

A alta do IDI/RS em maio refletiu o desempenho dos indicadores mais diretamente associados à atividade industrial - faturamento real (+16,5%), utilização da capacidade instalada (+9,1 p.p.), compras industriais (+8,2%) e horas trabalhadas na produção (+7,0%) -. Já os indicadores de mercado de trabalho seguiram em queda: a terceira seguida do emprego (-1,7%) e a segunda da massa salarial real (-3,2%). O nível de emprego em maio de 2020 é o menor da série ajustada sazonalmente.

O avanço na margem em nada alterou a trajetória negativa da indústria gaúcha nas comparações anuais. A crise amplificada pelo menor número de dias úteis em maio de 2020, levou à forte contração da atividade na comparação com o mês de maio do ano passado: -18,3%. No período da pandemia, de março a maio de 2020, ante o mesmo período de 2019, o IDI/RS recuou 16,5%.

Com o resultado negativo no mês, a contração acumulada do IDI/RS em 2020 ganhou intensidade em maio, chegando a 10,8% relativamente aos primeiros cinco meses de 2019. Entre seus componentes, as compras industriais (-18,5%), o faturamento real (-15,3%) e as horas trabalhadas na produção (-11,9%) exerceram as maiores influências. A UCI ficou 5,3 p.p. menor, enquanto o emprego e a massa salarial real recuaram 2,3% e 7,3%, respectivamente.

O cenário recessivo é intenso e disseminado. De janeiro a maio, relativamente ao mesmo período de 2019, o nível de atividade caiu em 15 dos 17 setores pesquisados. Veículos automotores (-20,2%), Máquinas e equipamentos (-13,2%) e Couros e calçados (-17,4%) foram as maiores influências negativas. Tabaco (-22,1%), Químicos, refino de petróleo e biocombustíveis (-5,6%) e Móveis (-9,2%) também registraram perdas expressivas. Do lado positivo, destaque para Alimentos (+3,1%).

Os resultados dos Indicadores Industriais do RS de maio refletiram a flexibilização das medidas de isolamento social e o retorno parcial das atividades no período, sugerindo que o setor deixou para trás seu pior momento, ainda que permaneça em níveis muito baixos.

A expectativa é de recuperação muito lenta em função do baixo nível de demanda causado pela recessão e pela deterioração do mercado de trabalho. O setor externo também não deve contribuir, já que a crise é global e a demanda por exportações também diminuiu.

A possibilidade de reversão do processo de reabertura das atividades no Estado, com o avanço da doença, pode retardar ou diminuir ainda mais o ritmo da retomada. O cenário, portanto, ainda é de muita incerteza.

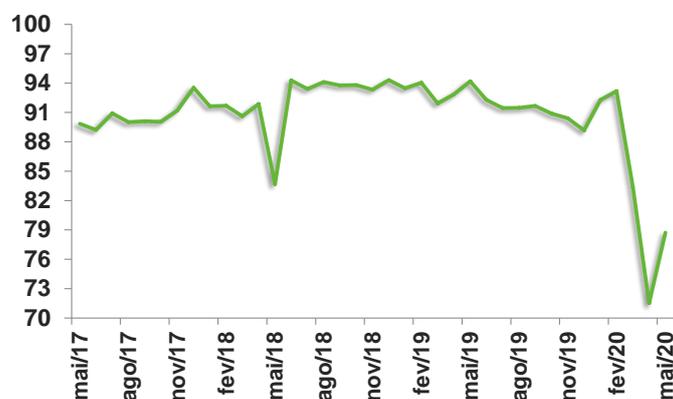
Indicadores Industriais do Rio Grande do Sul

(Variações em % – maio de 2020)

	Variação %		
	Mês anterior*	Mês ano anterior	Ac. ano
Índice de desempenho industrial	10,1	-18,3	-10,8
Faturamento real	16,5	-20,4	-15,3
Horas Trabalhadas na produção	7,0	-19,5	-11,9
Emprego	-1,7	-6,1	-2,3
Massa salarial real	-3,2	-18,1	-7,3
UCI (em p.p.)	9,1	-6,9	-5,3
Compras Industriais	8,2	-34,9	-18,5

* Dessazonalizado

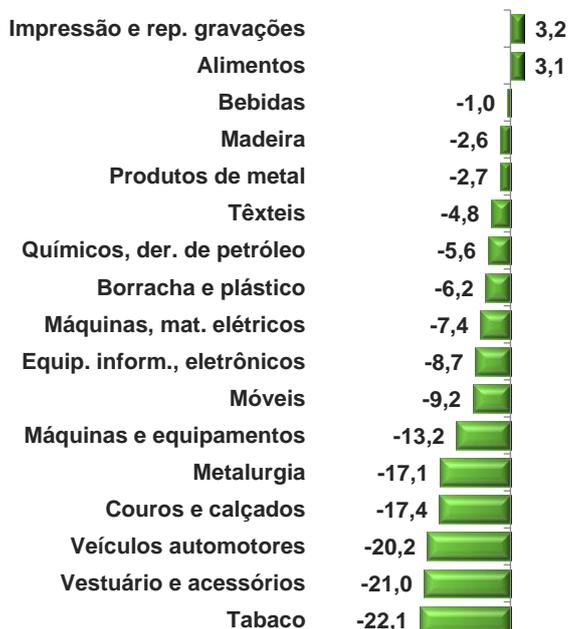
Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS) (Índice base fixa mensal: 2006=100 e Média móvel trimestral)



OBS: Séries dessazonalizadas.

Índice de Desempenho Industrial – IDI/RS – Setorial

(Variação jan-mai 2020/19 – %)



Fonte: UEE/FIERGS.

Em três meses de pandemia RS já fechou mais de 123 mil empregos

O Rio Grande do Sul fechou 32,1 mil postos formais de trabalho em maio de 2020, segundo os dados do Novo CAGED divulgados na semana passada pelo Ministério da Economia. Foi o pior resultado para o mês de maio desde o início da série em 1992. Frente a maio de 2019, apesar do saldo muito negativo, houve queda de 21,7% nos desligamentos, o que sugere que as medidas do governo de manutenção de empregos estão surtindo efeito. Já as admissões caíram 49,2%.

Entre os grandes setores, a maior perda de vagas ocorreu nos Serviços (-16,6 mil) e a Agropecuária (-1,8 mil) também fechou empregos. Na Indústria (-13,7 mil), o pior resultado foi observado na Transformação, com a perda de 13,1 mil empregos, o segundo valor mais negativo da série, somente a frente do observado em abril (-25,3 mil). Dos 24 setores da Transformação, em 23 houve perda de vagas, a exceção foi o setor de Tabaco que gerou 1,0 mil vagas por questões sazonais. As maiores perdas foram em Couro e calçados (-5,9 mil), Veículos (-1,2 mil) e Alimentos (-1,1 mil).

No período de pandemia (mar-abr-mai/20), a economia gaúcha acumulou extinção de 123,1 mil vagas. Na Indústria de Transformação, a perda de 40,3 mil empregos teve as maiores influência vindas de Couro e calçados (-20,3 mil), Produtos de metal (-3,2 mil) e Borracha e plástico (-2,9 mil).

A comparação com a última crise nos mostra a dimensão dos estragos. No acumulado de 2014 a 2017 (48 meses), a Indústria de Transformação do RS fechou

100 mil postos de trabalho. Em apenas três meses de pandemia, já alcançamos quase metade disso.

Saldo de geração de empregos formais – RS

	mai/20	Acum. pandemia*	Acum. jan-mai/20*	Acum. 12 meses*
Agropecuária	-1.814	-7.197	-354	-696
Indústria	-13.695	-46.308	-23.057	-48.294
Indústria Extrativa	26	-20	-3	-62
Indústria de Transformação	-13.078	-40.347	-19.202	-41.836
Couro e Calçados	-5.897	-20.283	-14.379	-19.340
Produtos de Metal	-957	-3.226	-2.234	-2.710
Borracha e Plástico	-902	-2.964	-1.952	-2.791
Móveis	-745	-2.735	-1.836	-2.852
Máquinas e Equipamentos	-679	-2.344	-1.088	-2.248
Veículos Automotores	-1.157	-2.161	-1.002	-1.833
Vestuário e Acessórios	-602	-1.829	-1.292	-2.407
Alimentos	-1.065	-1.457	138	594
Têxteis	-353	-869	-512	-881
Minerais não Metálicos	-124	-816	-402	-1.108
Bebidas	-169	-793	-266	-172
Impressão e Reprodução	-214	-723	-612	-745
Manut e Rep de Maq e Equip.	-198	-618	-790	-791
Material Elétrico	-139	-617	-289	-646
Produtos Diversos	-212	-611	-430	-641
Celulose e Papel	-216	-585	-343	-361
Equip. de Infor. e Eletron.	-119	-548	-442	-519
Produtos de Madeira	-116	-503	5	-490
Metalurgia	-149	-471	-411	-769
Outros Equip. de Transp.	-3	-219	-937	-35
Refino de Petróleo	-17	-48	-17	-21
Químicos	-48	13	317	117
Farmacêuticos	-13	34	59	65
Tabaco	1.016	4.026	9.513	-1.252
SIUP	-149	-319	-155	-137
Construção	-494	-5.622	-3.697	-6.259
Serviços	-16.597	-69.605	-63.149	-42.926
Comércio	-7.834	-31.533	-33.310	-20.824
Outros Serviços	-8.763	-38.072	-29.839	-22.102
TOTAL DA ECONOMIA	-32.106	-123.110	-86.560	-91.916

Fonte: CAGED/ME. *Ajustado com declarações fora do prazo.

Acum. pandemia = mar-abr-mai/20.

Primeiro trimestre de pandemia foi devastador para o mercado de trabalho

O Brasil fechou 331,9 mil postos de trabalho em maio de 2020, segundo dados do CAGED/ME divulgados na semana passada. O resultado foi menos negativo em relação ao verificado em abril, onde 902,8 mil empregos foram perdidos (dado ajustado), mas muito inferior ao verificado no mesmo período de 2019 (+32,1 mil). Entre os setores de atividade, a Agropecuária (+16,0 mil) gerou vagas e os Serviços (-232,2 mil) somaram a maior perda de empregos. Na Indústria (-115,7 mil), houve perda expressiva de vagas na Transformação (-94,2 mil) e Construção (-18,8 mil).

No acumulado dos três meses desde o início da pandemia (março a maio), a economia brasileira já perdeu 1,49 milhão de vagas, uma quantidade próxima aos empregos perdidos em todo o ano de 2015 (-1,53 milhão) no auge da última crise. Entre os grandes setores, apenas a Agropecuária (+3,5 mil) gerou vagas, enquanto a Indústria (-442,4 mil) e principalmente os Serviços (-1,05 milhão) perderam empregos.

No acumulado do ano até maio, o Brasil fechou 1,14 milhão de vagas, resultado ajudado pelo saldo positivo de 342,6 mil de janeiro e fevereiro. Já no acumulado em 12 meses e perda de emprego foi de 876,4 mil, sendo -14,1 mil na Agropecuária, -312,8 mil na Indústria e -549,5 mil nos Serviços.

Ainda na semana passada, o IBGE divulgou novos dados da PNAD Contínua. A taxa de desemprego do Brasil foi de 12,9% no trimestre mar-abr-mai/20. Houve aumento de 0,3 p.p. frente ao trimestre móvel imediatamente anterior (fev-mar-abr/20: 12,6%) e de 1,3 p.p. em relação ao trimestre dez-jan-fev/20 (11,2%), onde não há repetição de dados. Atualmente, o país conta com 12,7 milhões de desempregados. Entretanto, considerando o conceito mais amplo de desocupação, são 30,4 milhões de pessoas subutilizadas, o maior valor já registrado desde o início da pesquisa em 2012.

Também foi recorde a queda e o nível da ocupação. Na passagem do trimestre encerrado em fevereiro para o encerrado em maio, houve recuo de 8,3% no número de ocupados. O contingente passou de 93,7 milhões para 85,9 milhões, ou seja, 7,8 milhões de pessoas a menos empregadas. Mesmo com essa queda expressiva, a taxa de desemprego não subiu muito em função da saída de pessoas da força de trabalho (não procuraram emprego): 9 milhões de pessoas fizeram esse caminho nos últimos três meses.

Portanto, o balanço do primeiro trimestre de pandemia (mar-abr-mai) evidencia um cenário devastador para o mercado de trabalho, que ainda nem havia se recuperado dos danos da última crise.